

# Práticas de educação musical no ambiente hospitalar: relatos de um estágio supervisionado

## Comunicação

*Maria Cecília de Araujo R. Torres*  
Centro Universitário Metodista/IPA  
[mariaceciliaartres@yahoo.com.br](mailto:mariaceciliaartres@yahoo.com.br)

*Cláudia Maria Freitas Leal*  
Centro Universitário Metodista/IPA  
[clamfleal@gmail.com](mailto:clamfleal@gmail.com)

*Lúcia Helena Pereira Teixeira*  
Universidade Federal do Pampa/UNIPAMPA  
[luciateixeira@unipampa.edu.br](mailto:luciateixeira@unipampa.edu.br)

**Resumo:** Neste trabalho apresentamos o relato de experiência de um projeto de estágio supervisionado de educação musical realizado no contexto de hospitais, ao longo de dez anos, por acadêmicos/as de um curso de Licenciatura em Música na cidade de Porto Alegre/RS. Buscamos descrever as práticas musicais realizadas e as dinâmicas do estágio no ambiente hospitalar, bem como refletir sobre características daquele espaço e aprendizagens para estagiários/as e docentes orientadoras. Trazemos, ainda, uma discussão sobre a necessidade de a área da Educação Musical abrir-se a possíveis novos campos de atuação profissional e sobre que desafios, no espaço hospitalar especificamente, colocam-se como emergentes.

**Palavras-chave:** estágio supervisionado; ambiente hospitalar; desafios à Educação Musical

### 1. Introdução

Desde o segundo semestre de 2007 até meados de 2018, o Curso de Licenciatura em Música do Centro Universitário Metodista IPA ofertou aos/às estudantes, em seu terceiro estágio, também denominado Estágio em Espaços não Escolares, a oportunidade de experimentar, refletir e vislumbrar possibilidades de atuação, como educadores/as musicais, em espaços que não são tradicionalmente consagrados à educação.

A primeira oportunidade ocorreu a partir de um convênio com o Hospital Infantil

Santo Antônio (HSA), do Complexo Hospitalar Santa Casa de Misericórdia (CHSC), de Porto Alegre. A novidade a enfrentar, àquela época, foi o como articular e desenvolver as práticas pedagógicas até então organizadas para a ação na escola. O espaço hospitalar trazia a todos/as muitas incertezas e dúvidas quanto aos conhecimentos que até então só ocorriam no ambiente escolar.

Um grupo de cinco estagiários/as aceitou o desafio e, em um primeiro momento, a preocupação foi a de entender como seriam as reações a si e ao seu entorno. Os espaços, os protocolos e o vestir o jaleco geraram um estranhamento inicial, que se mesclou, em um primeiro momento, ao receio. Do receio, os/as estudantes tiveram a curiosidade de enfrentar o desconhecido com o respeito da observação e, a partir das leituras de textos de áreas como a enfermagem, se submeteram às regras e tradições das ações no hospital infantil.

Após seis anos, este estágio passou a ser realizado em um hospital privado, para adultos, o Hospital Mãe de Deus (HMD), também em Porto Alegre. As características institucionais de hospital privado e de adultos trouxe consigo outros desafios e possibilidades de práticas de educação musical. Neste espaço, os/as estudantes foram acompanhados/as também por um responsável do hospital, que supervisionava o estágio durante as práticas, juntamente com a supervisora do IPA. A realização do estágio com adultos abriu a perspectiva de se trabalhar com referenciais teóricos diversos, o que propiciou o encontro com o trabalho realizado pelo grupo Músicos do ELO<sup>1</sup>.

Por meio de pesquisas nas redes sociais, os/as discentes entraram em contato com diversas práticas musicais em hospitais brasileiros e da Europa. Assim, o grupo de estagiários/as percebeu que em hospitais brasileiros e da Europa a música participa das rotinas hospitalares como promoção de cultura, bem-estar, entretenimento e educação musical.

No Brasil, essa concepção de espaço hospitalar como produtor de alternativas culturais surgiu em decorrência da política de humanização hospitalar motivada pela criação do Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH, 2001). Mesmo

---

<sup>1</sup> Músicos do Elo, segundo Flusser (2013) “são músicos atuantes em hospitais e em instituições para pessoas idosas”. Para saber mais, ver o livro “Músicos do Elo – músicos atuantes humanizando hospitais” (São Paulo, AnnaBlume, 2013).

substituído posteriormente pelo Humaniza SUS, este programa estabeleceu-se como um marco na humanização hospitalar e trouxe consigo “a substituição das formas de violência simbólica, constituintes do modelo de assistência hospitalar, por um modelo centrado na possibilidade de comunicação e diálogo entre usuários, profissionais e gestores”, buscando, desta maneira, “instituir uma *nova cultura de atendimento*” (DESLANDES, 2004, p.9).

Atualmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro, são realizados alguns projetos envolvendo música. O Projeto Música nos Hospitais é realizado no Hospital Santa Marcelina, localizado na zona leste de São Paulo, e conta com o apoio de leis brasileiras de incentivo à cultura, com empresas privadas e com o Governo do Estado de São Paulo. Atuam nele alunos/as, ex-alunos/as e professores da EMESP (Escola de Música do Estado de São Paulo) e do Projeto Guri Santa Marcelina, geridos pelo Santa Marcelina Cultura. O programa Música nos Hospitais, também no Estado de São Paulo, tem por objetivo levar a música de concerto a hospitais públicos e filantrópicos, contando com parceria entre a Associação Paulista de Medicina, a Sanofi medicamentos e o Ministério da Cultura. Já, no Rio de Janeiro, o Grupo Cantareiros conta com 170 cantores/as experientes e com vivências em canto coral, sob a direção de Jules Vandystadt, também apoiados por diversas empresas.

Em Porto Alegre, algumas instituições hospitalares mantêm coros ou grupos vocais: Hospital Moinhos de Vento (HMV), Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (SCMPA), Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas (HMIPV) e Grupo Hospitalar Conceição (GHC). Desta forma, os coros ou grupos vocais têm o foco na educação musical de seus/suas funcionários/as e comunidade do entorno do hospital.

Apresentações de músicos da cidade e parcerias com instituições de ensino musical são também formas de viabilizar atividades musicais nos hospitais (HCPA). Geralmente essas atividades são organizadas pelas equipes de gerenciamento cultural dos hospitais em parceria com projetos de extensão das universidades e por meio de ações de voluntariado. Assim, essas instituições proporcionam à comunidade hospitalar a aproximação a manifestações artísticas às quais, muitas vezes, esta tem o acesso impossibilitado.

O contato com a música é propiciado, também, porém de uma forma mais restrita, pela atuação dos/as musicoterapeutas, profissionais que prestam serviços de atendimento à

saúde dos pacientes.

Quando buscamos na literatura relatos e reflexões a respeito destas práticas, verificamos que há um envolvimento preponderante de profissionais e estudantes de áreas como a pedagogia, enfermagem, música e musicoterapia desenvolvendo projetos ligados aos setores do voluntariado, de estágios supervisionados ou de extensão universitária. E onde ficam as práticas de educação musical especificamente?

## 2. Práticas de educação musical no hospital

Emoção, sensibilidade, choro, alegria, felicidade, às vezes tristeza dão a certeza de que, o que estamos presenciando, está mexendo profundamente conosco, com a vida que existe em cada um de nós. Obviamente este trabalho sensível e acolhedor mexe ainda mais intensamente com as pessoas que estão internadas no hospital: os doentes, os familiares e a equipe de saúde (FLUSSER, 2013, p.21).

Com essas palavras de Victor Flusser (2013), abrimos esse tópico que aborda as práticas de educação musical desenvolvidas pelos/as estagiários/as de um curso de Licenciatura em Música no espaço de um hospital e as suas interlocuções com as teorias da Sociologia da Vida Cotidiana, com seus diversos atores e contextos, em uma mescla de olhares, emoções e percepções.

Ao longo destes mais de dez anos do projeto de estágios de educação musical no hospital, foram feitas e repetidas várias perguntas por parte dos/as estagiários/as sobre as características desse espaço para a realização das práticas musicais, com questionamento como: “Será que é mesmo educação musical o trabalho que fazemos lá?”, mescladas com discussões nas reuniões de orientação e muitas leituras para tentarmos fundamentar nossa proposta entrelaçada às aprendizagens de cada encontro, com suas surpresas e desafios.

Fomos buscar na literatura autores que nos embasassem e destacamos aqui o texto de Rudolf Kraemer (2000), intitulado “Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical”, no sentido de amalgamar as ideias do autor e suas implicações com o olhar para esse trabalho de/com música em hospitais, que envolve aspectos da pedagogia da música com uma escuta constante e um olhar minucioso para o que acontece em cada porta de quarto que se abre, em cada sorriso ou gesto de pacientes, acompanhantes ou equipe

médica, nos múltiplos espaços nos quais somos convidados/as a entrar, em cada canção tocada ou cantada.

Dessa maneira, trazemos um excerto de Kraemer (2000) que ressalta:

A pedagogia da música ocupa-se com as relações entre as pessoa(s) e a(s) música(s) sob os aspectos de apropriação e transmissão. Ao seu campo de trabalho pertence toda a prática músico-educacional que é realizada em aulas escolares e não escolares, assim como toda cultura musical em processo de formação (KRAEMER, 2000, p. 51).

Durante esse estágio foi possível perceber, a cada encontro, a importância das relações entre as pessoas e as músicas, com suas diferentes trilhas sonoras que soavam pelos corredores, quartos, enfermarias, saguões e salas de espera de quimioterapia, dentre outros espaços, e que englobava não só a linguagem verbal, mas também os olhares e movimentos com os corpos. Com certeza todo o grupo aprendia, a cada prática, com as surpresas do cotidiano, como por exemplo, dos pedidos musicais feitos pelos/as pacientes e acompanhantes, da improvisação dos espaços que se tornavam pistas de dança, palco das oficinas musicais temáticas<sup>2</sup>, dos corais e bandas que se formavam a partir do repertório musical executado, da busca pela melhor tonalidade para cada música, entrelaçadas com as emoções que eram desveladas na penumbra dos quartos ou nos sussurros dos/as pacientes. Nesta mesma perspectiva destacamos, também, como uma das principais aprendizagens desse período para estagiários/as e suas professoras supervisoras, aspectos dessa educação musical móvel e itinerante, que caminha pelo hospital e cujas sonoridades entram por debaixo das portas, como abordado por Torres e Leal (2013) em artigo que envolve o supervisionar estágios de música no contexto de hospitais.

Ainda na perspectiva de analisarmos essas práticas de estágio, certamente a escuta tem sido um aspecto fundamental para os licenciandos/as realizarem suas práticas musicais

---

<sup>2</sup> Oficinas musicais temáticas eram atividades propostas pelos/as estagiários/as ao final de cada semestre e nas quais os/as estudantes escolhiam uma temática como uma época, grupo musical ou compositor/a e preparavam uma atividade musical em que convidavam os/as pacientes, acompanhantes e funcionários/as do hospital para participarem cantando e tocando instrumentos musicais. Havia um folder convite que era distribuído e um local preparado com instrumentos musicais, letras das músicas impressas, cadeiras e poltronas para os/as participantes. Tinha a duração de 40 a 60 minutos e dentre as temáticas tivemos: Roberto Carlos, Jovem Guarda, Rock Brasileiro, Samba, Bossa Nova, Músicas de novelas, dentre outras.

nesses espaços, combinando muitas vezes a escuta dos vários sons presentes nos hospitais e a busca constante por equilibrar/equalizar a intensidade das vozes e dos instrumentos musicais. Este é um dos desafios, dentre vários outros, juntamente com as aprendizagens constantes do fazer musical no hospital. Nesse sentido, trazemos as palavras de Flusser (2006) ao enfatizar que:

O músico no hospital é um músico, é formado para trabalhar no hospital, não faz isso por boa vontade, tem que aprender [...] Para aprender como entrar num quarto, como sair de um quarto, como trabalhar no corredor, como ficar na sala de espera com crianças e pessoas de diferentes idades, como lidar com pessoas que estão no leito da morte... (FLUSSER, 2006, p.6).

Como professoras supervisoras desses estágios, procuramos lidar com essas questões e desenvolver atividades musicais no hospital a partir dos olhares da Sociologia da Educação Musical, com os sentidos relacionados a cada uma das escolhas musicais, trazendo algumas ideias de Kraemer (2000) a respeito da transmissão de músicas, com o fato de que “uma vez que os processos próprios da apropriação e transmissão musicais de indivíduos em uma situação histórico-sociocultural são realizadas no contexto do seu respectivo cotidiano músico-cultural”. O autor complementa suas reflexões pontuando que esses processos “necessitam da interpretação em relações de sentido para possibilitar orientações e oferecer perspectivas” (KRAEMER, 2000, p. 66).

Fazendo uma ligação entre as ideias de uma educação musical como prática social/cultural e a proposta de Flusser (2013) de realizar atividades de música nos contextos hospitalares, enfatizamos o conceito de “saúde cultural” trabalhado por Flusser, Santoro e Almeida (2014), onde os autores pontuam que “saúde cultural é construída através do mundo da cultura e da arte, é vivenciada por experiências estéticas e éticas” (p. 103).

Destacamos, assim, que um dos objetivos principais deste trabalho foi o de fazermos música com os/as pacientes, em conjunto com eles e elas e seus/suas familiares/acompanhantes e não para eles e elas, como uma apresentação musical e com aplausos no final, na perspectiva de um processo de humanização e com o propósito que os/as pacientes façam suas escolhas nesse momento, seja das músicas que querem ou não escutar, trazendo lembranças de suas vidas, mas também dos instrumentos de percussão

que gostariam ou não de tocar.

### 3. Dinâmicas desse estágio

Ao situarmos os estágios no hospital, selecionamos esse excerto de Le Breton (2005), no sentido de contextualizarmos alguns aspectos dessa fase do trabalho dos estagiários, pois para o autor:

A hospitalização é, para a maior parte dos indivíduos, o equivalente a uma entrada na terra estrangeira da qual não falam a língua e desconhecem os costumes. Aquele que atravessa a porta do hospital vê-se despojado de sua ligação íntima consigo e com suas maneiras de ser com os outros (LE BRETON, 2005, p.11).

Ao contarmos aspectos da dinâmica deste estágio, vamos abordar questões específicas relacionadas a esse tempo de hospitalização, seja com crianças, jovens ou adultos, e que, assim como os pacientes citados por Le Breton, nós, supervisoras e estagiários/as, também desconhecemos os costumes daquele local. Esse então era um tempo de aprendizagens no qual discutíamos sobre a duração das observações e das regências no hospital, a importância de leituras prévias, as práticas e planejamentos musicais compartilhados, os ambientes móveis sem espaços físicos delimitados, assim como a rotatividade dos/das pacientes e os desafios musicais de improvisar, cantar e tocar em outras tonalidades, ampliando os repertórios e as habilidades de cada licenciando/a.

Numa breve contextualização do projeto, situamos que a primeira turma de estagiários/as do curso no contexto hospitalar aconteceu no segundo semestre de 2007 e a última turma que atuou neste espaço foi no segundo semestre de 2018, com um total de dez anos de trabalho, sempre com duas turmas por ano, iniciando em cada semestre letivo e que não tivemos o estágio em apenas um semestre ao longo deste período. Uma outra característica importante e exigência para a realização deste estágio é que as práticas musicais eram realizadas com a presença das supervisoras do curso durante todo o período e, no hospital de adultos, também com a presença da supervisora local, uma terapeuta ocupacional. Ao final de cada encontro semanal, que durava em torno de 3 horas a 3h30

minutos, íamos trocar o jaleco, guardar os instrumentos e fazíamos uma breve conversa com todo o grupo para avaliarmos as questões que tinham acontecido naquele dia. Tivemos, em alguns semestres, duas turmas de cinco estagiários/as em cada, com duas supervisoras do curso e mais de 90 discentes que realizaram este estágio entre 2007/2 e 2018/2. Muitas aprendizagens!

Nesse estágio, os documentos exigidos para sua realização são diferentes dos solicitados para o trabalho nas escolas, pois os/as licenciandos/as precisam fazer vacinas diversas, apresentar um atestado médico recente, usar jaleco em todos os encontros, portar o crachá de identificação do hospital e participar de um dia de formação com profissionais da saúde e funcionários/as do hospital, chamado de integração. Esses elementos são fundamentais e fazem parte de um protocolo para entrarmos e iniciarmos as práticas musicais nesse espaço. Esclarecendo ainda que, como é um estágio em grupo, o mesmo só é liberado pela instituição quando todos os/as estagiários/as cumprem esses requisitos. Desta maneira, as observações e regências têm durações diferenciadas dos estágios nos espaços escolares, pois as observações ocupam um número menor de horas e congregam os momentos da integração no hospital e as discussões das leituras nas reuniões coletivas semanais de orientação. Já as regências levam mais horas do que as 16 horas previstas pela lei para os espaços escolares, perfazendo muitas vezes 30 horas de práticas no hospital, com regências musicais compartilhadas, mescladas com a rotatividade de pacientes e com a dinâmica de se trabalhar com uma música “móvel” que invade os ambientes.

Dentre os desafios que emergiram ao longo dos semestres, no hospital, vale ressaltar também a questão dos grupos que se formam para as práticas musicais e o exercício da docência compartilhada que, em alguns semestres, aconteceu em sextetos, quintetos, quartetos, trios ou duplas, com o objetivo de se fazer música com os pacientes, familiares, acompanhantes e equipe do hospital, na perspectiva de trabalhar um repertório eclético e que se amplia a cada encontro. São diferentes estilos musicais, tonalidades para tocar e cantar, improvisar, cuidar do volume de som e dos timbres dos instrumentos.

Os hospitais são vistos, geralmente, como espaços de silêncio, muitas vezes com cartazes e figuras que sugerem que falemos baixo. Em relação a este tema dos sons do hospital, consideramos importante trazer as reflexões de Miranda (2016) sobre esses



espaços, onde o autor ressalta os impactos destes sons ou estímulos do ambiente hospitalar para os pacientes:

Entende-se por impacto os estímulos positivos, ou negativos, que os sons existentes nos ambientes hospitalares ocasionam ao paciente internado, com reflexos em seu estado de saúde e em sua qualidade de vida. Tais sons, compreendidos como a “paisagem sonora” do ambiente hospitalar, são ocasionados pelas condições inerentes às rotinas desses espaços – ruídos em geral, equipamentos, macas, conversas dos profissionais, visitantes, equipamentos sonoros – ou sons diversos, como, por exemplo, a música realizada ao vivo, por agentes especializados (MIRANDA, 2016, p.20).

Uma outra característica desse estágio é que sempre gera, ao final dessa etapa, um Relatório de estágio e que, na maioria das vezes, é um Relatório de Conclusão de Curso, mais conhecido como RCC, em que o/a aluno/a defende para uma banca as suas ideias e traz reflexões sobre esse estágio, colocando também um título para essa produção acadêmica. Certamente são momentos de muitas aprendizagens e desafios, pois é um período intenso e compacto em termos de experiências e tempo, com mais tempo de regências do que de observações no espaço do hospital. O grupo permanece em média ao longo de três meses no hospital, com reuniões semanais de orientação e encontros semanais no hospital para as práticas musicais, além da necessidade de os/as estagiários/as realizarem ensaios e de se comunicarem em relação ao repertório, tonalidades das músicas e estilos musicais.

O tema da seleção e escolha de repertório é recorrente para a nossa atuação como educadoras musicais em vários espaços, seja nas aulas de música da escola de educação básica, na musicalização de bebês, ou nos grupos instrumentais, orquestras, corais, aulas coletivas de instrumentos e outros tantos grupos de práticas musicais coletivas no contexto de projetos sociais, cursos superiores de música, escolas específicas de música, grupos de idosos, dentre outros campos do fazer musical. Neste sentido, trazemos as reflexões de Torres, Schmeling, Teixeira e Souza (2003) quando ressaltam que “o professor de música, assim como o regente escolar, é, essencialmente, um selecionador de repertórios” e prosseguem em suas reflexões afirmando que “a seleção e organização de repertório, apesar das aparências, não é uma tarefa simples” (2003, p. 62).

Como já destacamos, o repertório musical para se trabalhar com os/as estagiários/as

no contexto do hospital tem sido um dos tópicos que nos desafia como professoras supervisoras deste estágio, assim como aos/às alunos/as que participam deste estágio e geram perguntas como: Quais músicas escolher para cantar e tocar? Como será o gosto musical dos/as pacientes e familiares com os/as quais vou interagir? Quais serão as trilhas sonoras para cada dia ou momento de trabalho no hospital? Certamente estas e outras questões foram permeando as nossas práticas musicais ao longo dos últimos dez anos e, na medida em que foram emergindo os pedidos por diferentes músicas, fomos buscando ampliar o repertório, com estilos diversos, timbres, andamentos e sonoridades.

A cada semestre iniciamos o trabalho a partir da escuta dos grupos de licenciandos/as que organizam uma seleção de pelos menos dez músicas para começarmos as práticas e que variam a cada semestre, de acordo com a familiaridade e gosto dos/as estagiários/as com os estilos e grupos musicais escolhidos. Esta lista vai se ampliando a cada novo encontro, com outras músicas, a partir dos pedidos musicais dos/das pacientes e familiares e é comum os/as licenciandos/as terminarem o estágio com um repertório que inclui em torno de 50 músicas.

#### **4. Reflexões finais**

O hospital, como campo de estágio, provoca muitas aprendizagens, tanto para os/as estagiários/as quanto para as professoras orientadoras. Diferentemente dos espaços escolares - como já mencionado -, no espaço hospitalar tudo é novo para a academia. Combinações iniciais com profissionais de outras áreas do conhecimento e equipes responsáveis provocam nos/nas discentes e nas docentes orientadoras uma disposição para a troca e uma abertura para o conhecimento interdisciplinar; coloca-se a necessidade de comprometimento com os protocolos institucionais; até mesmo a forma como ocorrem as práticas musicais é outra, diferente daquela que envolve o tocar/cantar em sala de aula. É necessária uma disposição para o novo, para aprender com e nos desafios, a capacidade de ser flexível e reagir, de forma rápida, às adaptações necessárias. No ambiente hospitalar o tempo de observações, como exposto, mescla-se com o tempo de regências e aprende-se que o “observar” é o tempo inteiro: precisa-se estar com olhos e ouvidos sensíveis e muito

atentos às necessidades do momento. Os indícios podem estar em expressões, sussurros, manifestações de contentamento, mas também de descontentamento. É preciso aprender a “ler” momentos e a transformá-los de forma muitas vezes sutil, mas precisa e necessária.

Encerramos essas breves reflexões sem a pretensão de querermos esgotar esse tema, mas sim de trazeremos essa experiência de um projeto de estágio supervisionado de música para um diálogo com nossos pares educadores/as musicais, no sentido de aprofundarmos as discussões e ampliarmos nossos conhecimentos a respeito das possibilidades de atuação dos/das educadores/as musicais em contextos hospitalares, dentre vários outros espaços de atuação para os/as nossos/as egressos das Licenciaturas em Música.

De forma geral, hospitais são lembrados como ambientes relacionados ao binômio doença/saúde e, portanto, conectados às áreas da saúde. Por outro lado, esse pensamento unidirecional não abre possibilidade para que se considere que também possa ser um espaço de vida e de encontros entre pessoas. Médicos/as, enfermeiros/as, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, dentre outros profissionais da saúde, pacientes e acompanhantes são indivíduos em relação, para além das funções que exercem naquele ambiente específico. Nesse sentido e lembrando Kraemer (2000), com um olhar para o como as pessoas se relacionam consigo e com as sonoridades que ali são apresentadas, ainda que se trate de uma manifestação sonora itinerante - como o é neste caso da ação dos/das estagiários/as nos hospitais - aquele pode ser visto também como um espaço onde ocorrem a transmissão e apropriação musicais e, portanto, de interesse para a Educação Musical.

Certamente nossa área tem um longo caminho a percorrer no sentido de ter o ambiente hospitalar como campo de atuação profissional de educadores/as musicais, e, desta maneira, compartilhamos essas experiências/vivências de um projeto de dez anos como supervisoras de estagiários/as de um curso de licenciatura em música, no sentido de socializarmos o que fizemos até aqui e de continuarmos esse trabalho desafiador e ao mesmo tempo que nos ensina tanto. Esse é um tema que merece muitas pesquisas e outros trabalhos para que haja um diálogo e crescimento da Educação Musical como área de conhecimento.

## Referências

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. *Em Pauta*, v.11, n.16/17, Porto Alegre: PPGMúsica/UFRGS, 2000.

LE BRETON, David. Música no hospital: Ponto de vista. *Os cadernos da Música no Hospital*, n.2, dezembro/2005.

FLUSSER, Víctor. A música é extraordinária. Entrevista por Zoica A. Caldeira. *Revista ouvirOUver*, n.2, Uberlândia: Editora da UFU, 2006.

FLUSSER, Víctor. *Músicos do Elo: músicos atuantes humanizando hospitais*. São Paulo: Annablume, 2013.

FLUSSER, Víctor, SANTORO, Luiz Fernando, ALMEIDA, Fernando Antonio de. A saúde cultural: uma consideração referencial do projeto Músicos do Elo. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba*, v. 16, n.2, 2014.

MIRANDA, Paulo César. A Vivência da música na humanização hospitalar: O ambiente sonoro enquanto atividade relacional. *Anais: II Jornada Acadêmica Discente – PPGMUS ECA/USP*, 2016.

TORRES, Maria Cecília, SCHMELING, Agnes; TEIXEIRA, Lúcia; SOUZA, Jusamara. Escolha e organização de repertório musical para grupos corais e instrumentais. In: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana (org.). *Ensino de Música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues; LEAL, Cláudia Maria Freitas. Reflexões de professoras supervisoras de estágios supervisionados de Música no ambiente hospitalar: desafios e aprendizagens. *Revista da Fundarte*, ano 13, n. 26, julho/dezembro 2013.